



2006

TAGUATINGA

ONDE MORA PATRÍCIA AMARAL



1979

Da infância brincando na rua ao primeiro emprego e ao casamento: histórias entrelaçadas



O que vivi foi sempre aqui

Fotos: Evandro Matheus/Especial para o CB/12.4.06



JOÃO RAFAEL TORRES

DA EQUIPE DO CORREIO

Patricia Amaral, 24 anos, é jovem, despojada, bem-humorada, está em pleno desenvolvimento de suas habilidades. É mãe, trabalhadora e tem uma beleza cheia de viço. Quando necessário, mostra seu lado genioso. Tudo isso faz com que Patricia tenha a cara de Taguatinga, a cidade onde mora há 14 anos.

A relação de Patricia com a terra do barro branco, no tupi-guarani, começa bem antes de sua família optar por Taguatinga para viver. Desde a infância, ela estudou na cidade. Sempre na mesma escola, o Jesus Maria José, no setor QNG. Os pais, que na época moravam no Setor O, Ceilândia, acreditavam que a menina teria assim educação de mais qualidade. "O fato de ser uma escola religiosa e tradicional também pesou muito. Queriam que eu fosse mais comportada", brinca.

Em parte, a escola ajudou Patricia com conceitos da moral cristã, como a fraternidade e a caridade. Mas não a deixaram, digamos, comportada. Serelepe e contestadora, ela mostrou a força de sua personalidade desde a infância. Sempre foi bem moleca, conversava demais na sala. Volta e meia, a professora deixava de castigo, debaixo do filtro.

Desde muito cedo, Patricia passou a voltar para casa de ônibus, acompanhada por Mônica, a irmã mais velha. Uma com 8, outra com 7 anos. Passavam por debaixo da roleta e guardavam os vales-transporte, que eram trocados por doces nas atacadistas que ficam perto do colégio. Quando completou 10 anos, Patricia se mudou para a QNL, em Taguatinga Norte. Desde então, passou a viver mais a cidade. "Conquistei amigos, comecei a passear mais de ônibus. Em pouco tempo, já conhecia todo canto", lembra. Alguns lugares eram quase proibidos. No centro da cidade, principalmente na Praça do Relógio, não se podia dar mole. "Minha mãe dizia que era lugar para as moças da vida e marginais. Ficava com medo e até atravessava as pistas para não passar por ali."

Domingo de sol era dia de piscina. Cedinho, a família acordava, arrumava as coisas e ia para o Clube Primavera, na Samdu Sul. O clube era a vedete da cidade nos anos 80. Era símbolo de status ter um título permanente. Nos carnavais, a família preferia as matinês do concorrente Clube da Indústria de Taguatinga (CIT). Lá, as festas eram mais animadas. Para constar: ambos os clubes fecharam na década de 1990.

Doce veneno

Santa, Patricia nunca foi. Desde pequena, já arrumava os namoradinhos secretos na escola. Os primeiros beijos foram atrás da parada da escola. Algumas vezes, matava aula com as amigas para tomar sorvete ula-ula (de creme, dentro de um abacaxi), na sorveteria Doce Veneno, em Taguatinga Sul. Peripécias feitas sempre com muito cuidado para não ser surpreendida pelos pais.

Quando se tem 14 ou 15 anos, tudo é aventura. Vez por outra, o corriqueiro caminho de volta para casa se tornava mais interessante: bastava tomar o ônibus errado ou simplesmente enfrentar o percurso de uns seis quilômetros a pé. "Não vou negar. Era muito bom fazer farra." Envolvida com a banda do colégio, Patricia vez por outra saía de casa de manhã e só voltava à tardinha. Ela tocava lira. Os momentos de glória aconteciam a cada 5 de junho, quando a banda desfilava pela Avenida Comercial Norte, para comemorar o aniversário de Taguatinga.

Festeira por natureza, Patricia adorava os shows da Feira de Amostras do Comércio e Indústria de Taguatinga (Facita). Com a vantagem de morar perto do parque de exposições, ela acabava confe-

rindo os shows até mesmo das bandas que não gostava. "Do apartamento, dava para ouvir tudo. Quando não tinha dinheiro, era só ir para a varanda e aproveitar o show", lembra.

Quando conseguia convencer o pai, Patricia ia para as matinês das boates da cidade. Primeiro, ia na New Age, que funcionava no térreo do hotel Kingstown. Na mesma época, uma boate móvel fazia a alegria dos adolescentes. A itinerância era um atrativo a mais: cada fim de semana, a diversão era num lugar diferente. Mas depois que a Boate Capital foi inaugurada, a diversão passou a ter endereço certo: Pistão Sul.

Com 16 anos, a família de Patricia se mudou para uma casa em Taguatinga Sul, na Vila Dimas. No começo, a casa não a agradou. A região, próxima do córrego Samambaia, era chamada com desdém de *sapolândia* por Patricia. "Implicância de adolescente. Pura implicância", define hoje. Foi perto da nova casa que ela arranhou o primeiro trabalho, como vendedora num quiosque de cachorro-quente que funcionava na Vila Dimas.

Numa sinuca

Nada de moleza. A adolescência precisou acabar quando a necessidade de trabalhar se fez mais presente. O primeiro emprego com carteira assinada foi aos 17 anos, como digitadora numa empresa de informática da Asa Sul. Patricia precisava amadurecer, e amadureceu. Passou a pesar mais as atitudes, a ser mais responsável com os estudos. Pouco tempo depois, o Jesus Maria José ficaria para trás. A informática se tornou a principal área de interesse. Com o tempo dividido entre o trabalho e cursos técnicos, Patricia conseguiu logo se firmar como analista de sistemas. Numa tarde, quando ia para o trabalho num ônibus da linha 900 (Comercial Norte-Sul/Esplanada), ela viu um menino diferente, de olhos claros. Mais baixo que ela, é verdade, mas isso não fazia diferença. Numa grande coincidência, o tal menino era amigo de uma colega de trabalho. Chamava-se Uanderson Gomes, e era auxiliar de suporte. Patricia aproveitou a oportunidade e não hesitou em se apresentar.

No dia seguinte, o casal se encontrou novamente no ônibus. Uanderson também tinha crescido em Taguatinga e isso foi suficiente para não faltar assunto. Começaram a namorar. O primeiro encontro foi numa sinuca, no Pistão Sul. Apressadinhos, encomendaram o primeiro filho antes mesmo do casamento. Em 20 de março de 2003, nasceu Henrique, no Hospital Regional de Taguatinga. O bebê teve infecção hospitalar. Um ano depois, recuperado, o garoto estava presente no casamento dos pais. Por coincidência, a cerimônia foi realizada num 5 de junho — aniversário de Taguatinga. A paróquia escolhida foi uma das mais tradicionais da cidade: a Nossa Senhora de Fátima, no lado sul da cidade.

As lembranças surgem na cabeça da jovem quando ela passeia pela cidade. Quando passa na frente do Cine Lara, por exemplo, lembra de dois momentos felizes, em fases diferentes da vida: quando viu *Lua de cristal* (filme de Xuxa) acompanhada pelos pais, na infância, e quando viu *Titanic* (de James Cameron) com um namoradinho, na reinauguração do cinema, anos depois. "Espaços como esse não poderiam se perder na memória da cidade", avalia.

Mãe de família e boa profissional, Patricia se diverte nos fins de semana levando o filho para o pesque-pague. À noite, vai com o marido para barzinhos na região. Não sente necessidade, nem vontade de deixar Taguatinga. Gosta do lugar para viver. Só sente falta de uma coisa: meninos e meninas nas ruas, como foi na sua infância. "Sei que é dessa geração preferir brinquedos eletrônicos a brincar de bone. Eu, que vivi o outro lado, sei como é divertido. Na rua ou em casa, quero que o Henrique possa viver todas as alegrias que Taguatinga me deu."

A Fortium parabeniza Brasília,
todos aqueles que construíram esta capital
e acredita na educação como forma de
crescimento humano e social.

FORTIUM
A força em concursos públicos
www.fortium.com.br

PÓS-GRADUAÇÃO
CONCURSOS PÚBLICOS

Coordenação de Anamaria Pratas e Cláudio Farag

Para contar a história de sua vida, Patricia terá de passar pela história recente da cidade onde mora. Ou testemunhou ou participou das mais importantes mudanças de Taguatinga com a energia da infância e a irreverência da juventude